

Eleições Presidenciais no Brasil

Tal como esperado, Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores, venceu as eleições presidenciais no Brasil, com 56% dos votos, uma vantagem de 12 pontos face ao seu rival, José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira.

As eleições presidenciais brasileiras acabaram por ficar marcadas pela necessidade de realizar uma segunda volta, fruto do resultado inesperado de Marina Silva, candidata do Partido Verde, que conseguiu angariar cerca de 20% dos votos na primeira volta. Dilma Rousseff era considerada a candidata favorita, não obstante a acusação de que é uma mera herdeira de Lula da Silva, aproveitando-se da enorme e nunca antes vista popularidade que este desfruta no Brasil, e até no mundo, e que se não fosse a sua intervenção, Rousseff estaria numa situação bem mais complicada. Já José Serra, por seu lado, era visto como um sucessor do antigo presidente Fernando Henrique Cardoso, que apesar de não ter alcançado a popularidade de Lula, conseguiu também granjear um número significativo de admiradores.

Apesar de Marina Silva ter ficado fora da corrida depois da primeira volta, a sua palavra ainda poderia ter influenciado o resultado, caso tivesse optado por escolher um dos dois candidatos. Marina Silva decidiu não apoiar Dilma Rousseff nem José Serra, tendo ficado os seus eleitores e membros de partido livres de escolher, tendo uns apoiado o PSDB, aliado do PV nalguns estados, e outros o PT, partido do qual Marina Silva fez parte, e com o qual alguns dos seus seguidores certamente simpatizarão.

Facto a reter destas eleições é que, pela primeira vez na história do Brasil, uma mulher irá ocupar o cargo de Presidente, algo que vai ao encontro da realidade recente de outros países da região, nomeadamente a Argentina e o Chile, onde mulheres também chegaram ao posto mais elevado da nação. E na primeira volta, somando os votos de Dilma Rousseff e de Marina Silva, cerca de 70% do eleitorado votou numa mulher, situação incomum no país e mesmo no Mundo.

O que separou os candidatos

Algumas questões trouxeram à superfície as diferenças entre Dilma Rousseff e José Serra. Não existindo divergências profundas em termos económicos e sociais – ou não fossem o PT e o PSDB partidos do centro-esquerda – houve, no entanto, uma questão económica que gerou uma acesa discussão entre os candidatos e seus apoiantes. a questão da privatização, nomeadamente de grandes empresas e instituições como a Petrobrás e o Banco do Brasil. Foi na presidência de Fernando Henrique Cardoso que se procederam algumas das privatizações com mais impacto no Brasil, o que levou a pensar que José Serra daria início a um novo programa de privatizações, uma ideia rapidamente aproveitada pelos opositores de Serra para o atacar. É relevante sobretudo a questão da Petrobrás e da privatização da exploração do chamado pré-sal, uma zona do sub-solo da costa brasileira rica em petróleo.

Foi na política externa que se verificou uma maior clivagem entre os candidatos, não tanto pelo que disseram, mas mais pelo que os analistas e a comunidade internacional

esperavam – e esperam – da actuação internacional do Brasil. Dilma Rousseff defendeu o seguimento das políticas de Lula da Silva, nomeadamente o reforço da cooperação regional, no âmbito do Mercosul e da Unasul, a via diplomática para resolução de conflitos internacionais, como no caso do Irão, e uma actuação mais independente e menos ligada aos parceiros tradicionais, como os EUA e UE, agindo o Brasil como a potência que é e que quer vir a ser. Em contraposição, José Serra, como seria de esperar tendeu a seguir as ideias de FHC, dando mais ênfase à colaboração com os EUA, e acima de tudo à defesa dos direitos humanos, o que poderia levar a uma alteração nos padrões de relacionamento com países como a Venezuela, a Bolívia ou o Irão que se opõem fortemente à influência dos EUA e/ou são acusados de violarem direitos humanos.

José Serra também demonstrou cepticismo face à integração regional, preferindo, por exemplo, que o Mercosul voltasse a ser uma mera zona de livre comércio em oposição à união aduaneira que hoje é.

Sendo certo que a política externa não foi o principal tema da campanha, não deixa de ser possível afirmar que, no dia 31, os brasileiros escolheram essencialmente a actuação do seu país além fronteiras.

Contudo, é preciso ter também em conta que o relevo que o Brasil alcançou no plano internacional nestes últimos anos se deveu sobretudo à pessoa de Lula da Silva, ao seu carisma, à sua popularidade, às suas inúmeras viagens e visitas ao estrangeiro que lhe permitiram alcançar um prestígio e um respeito considerável. É de [duvidar](#) que Dilma Rousseff consiga a mesma proeza, o que se poderá traduzir numa diminuição da intervenção do Brasil nos assuntos do mundo. Mas mesmo que se verifique tal situação, ainda é mais de duvidar que o Brasil perca o seu estatuto de parceiro estratégico e vital nas relações internacionais.

No entanto, para que tal ocorra, será necessário pôr em prática uma política externa coerente, sóbria e clara, menos dependente do exibicionismo e emocionalismo de Lula da Silva, bem como resolver uma série de questões que põem em causa a capacidade do Brasil de se afirmar como uma potência global.

Tradicionalmente o Brasil segue uma política de não-intervenção, mesmo no âmbito regional. Dado o seu tamanho e poder desproporcional na América do Sul, o Brasil sabe que os restantes países da região sempre recearam um possível imperialismo brasileiro, e por isso o país fez por nunca permitir que o pudessem acusar de tal. Isto traduziu-se numa aversão a tomar uma posição de liderança no plano regional, e consequentemente, no plano global. O tamanho do Brasil também terá contribuído certamente para que o país se virasse mais para o interior, mas tal introversão é incompatível com os desígnios a que o Brasil se propõe..

Outra consequência desta aversão é a fraca participação das forças armadas do Brasil em missões de paz, sendo que o país tem dado pouco relevo à utilização do seu poderio e prestígio militar como sinal de força e de influência.

Um factor também importante é que o Brasil de Lula da Silva ainda se vê, muitas vezes, como um país do terceiro mundo, combatendo os países ricos do Norte, e é a essa visão que se pode atribuir muita da simpatia e respeito que o Brasil alcançou no resto do

mundo. Ora se o Brasil decidisse tomar uma posição de liderança quer no plano regional quer no global, seria como se o país passasse para o lado de lá, perdendo o seu título de defensor dos pobres e dos excluídos deste mundo, passando a ser alvo das mesmas críticas e sendo visto com a mesma desconfiança com que os Estados Unidos, e a Europa, o são em grande parte do Planeta. O receio de que tal aconteça tem limitado a actuação do Brasil.

E por fim, agora que a diplomacia brasileira já não dependerá dos caprichos de Lula da Silva haverá que responder às seguintes questões: Que visão tem o Brasil do Mundo e do seu lugar nele? Que objectivos pretende o Brasil alcançar? Em suma, qual a visão estratégica do Brasil?

Reacções Internacionais

A constatação de que quem venceu as eleições foi uma mulher e de que um trabalho difícil aguarda Dilma Rousseff, foram os dois pontos principais sobre os quais a imprensa estrangeira se focou, quer na Europa com o [*The Guardian*](#), o [*El Pais*](#) ou o [*Le Monde*](#), quer nos EUA com o [*New York Times*](#) ou o [*Washington Post*](#). Segundo estes jornais a vitória duma mulher para o posto mais elevado de uma das maiores democracias do mundo, e uma potência em crescimento, é considerada um passo importante na luta pela igualdade dos sexos.

Por outro lado, tendo em conta que as [*expectativas*](#) face à presidência de Dilma Rousseff são altíssimas, visto vai suceder a um presidente com uma popularidade praticamente nunca antes vista no Brasil, e tomar controlo dum país cuja performance nestes últimos oito anos foi excelente, espera-se que esta aborde e talvez consiga resolver algumas das maiores falhas do Brasil como a educação, a saúde e sobretudo a pobreza, ainda bastante presente mesmo após os resultados obtidos pelas políticas de Lula da Silva, algo que não será certamente [*fácil*](#).

Por fim o [*The Guardian*](#) mencionou ainda que a vitória de Dilma Rousseff representa de certa forma uma derrota para os EUA e a sua política externa, pois José Serra iria provavelmente colaborar mais com Washington, o que permitiria evitar a repetição de momentos como o voto contra do Brasil no Conselho de Segurança da ONU aquando da votação de sanções contra o Irão, e adoptar uma posição mais forte face a regimes como o da Venezuela de Chavéz.

Para saber mais:

[*Política Externa Dilma Rousseff*](#)
[*Política Externa José Serra*](#)